

V Á R I A

Exposição etnográfica no Museu das Artes e Tradições Populares (1)

O Museu das Artes e Tradições Populares, instalado no Palácio de Chaillot, é um dos melhores exemplos que conheço de um organismo que, apesar das enormes dificuldades provenientes da guerra e das crises económicas subsequentes, consegue triunfar das dificuldades, fazendo delas virtudes.

É o que se chama um Museu de Trabalho, com a sua biblioteca, arquivos, laboratório etnográfico e armazéns, onde se acumulam verdadeiros tesouros etnográficos, pacientemente recolhidos pelos funcionários a quem cumpre percorrer os recantos das províncias francesas (2).

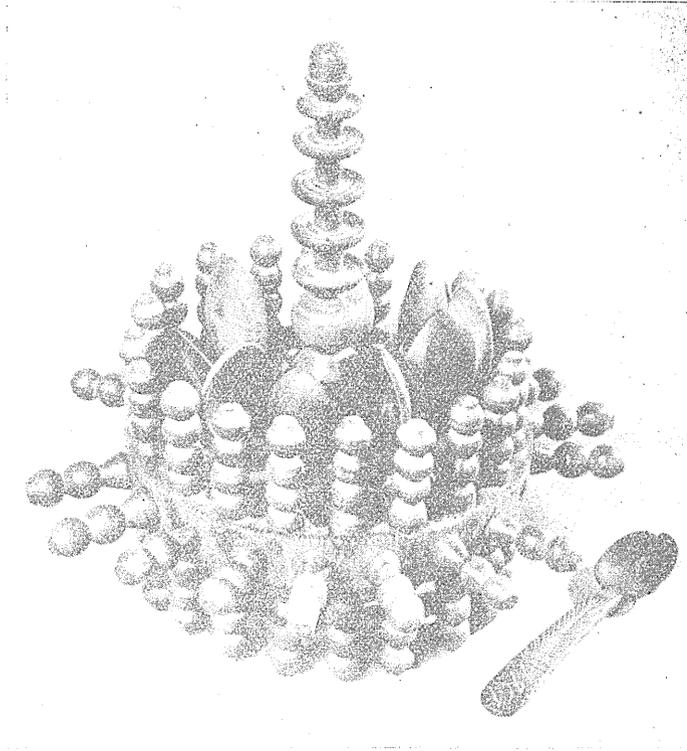
Há já uns sete anos que conheço o Museu e os seus colaboradores, e devo dizer que o ambiente de franca camaradagem, o acolhimento caloroso e o alto nível científico que ali reina me conquistaram de tal maneira, que não posso passar por Paris sem lá ir fazer uma visita, por curta que seja.

A maior dificuldade com que o Museu luta é a falta de espaço para exhibir as suas ricas colecções. E, como a primeira função de um Museu é mostrar ao público o seu recheio, poder-se-ia supor que o Museu das Artes e Tradições Populares, não passava de um organismo preparatório de um Museu, que de Museu só tivesse pomposamente o nome. Não é este porém o caso. O seu director, o Dr. Georges Henri Rivière, que é um caso raro de homem de acção, com elevada capacidade científica, invulgar sensibilidade de artista e raro espírito de abnegação e dedicação à causa a que se tem devotado, soube resolver o problema de maneira inteiramente satisfatória. Aproveitando as poucas salas de que podia dispor, resolveu-se a fazer exposições temporárias, que têm tido autênticos sucessos.

(1) Musée des Arts et Traditions Populaires, Palais de Chaillot, Place du Trocadero, Paris.

(2) Convém esclarecer que parte da actividade científica do Museu advém de junto dele funcionar a Société d'Etnographie Française, com a qual trabalha em estreita ligação, publicando a revista Arts et traditions populaires e realizando frequentes reuniões e congressos.

Em 17 de Abril de 1953 foi solenemente inaugurada a VI Exposição temporária, de objectos domésticos das províncias da França na vida familiar e as artes domésticas (1).

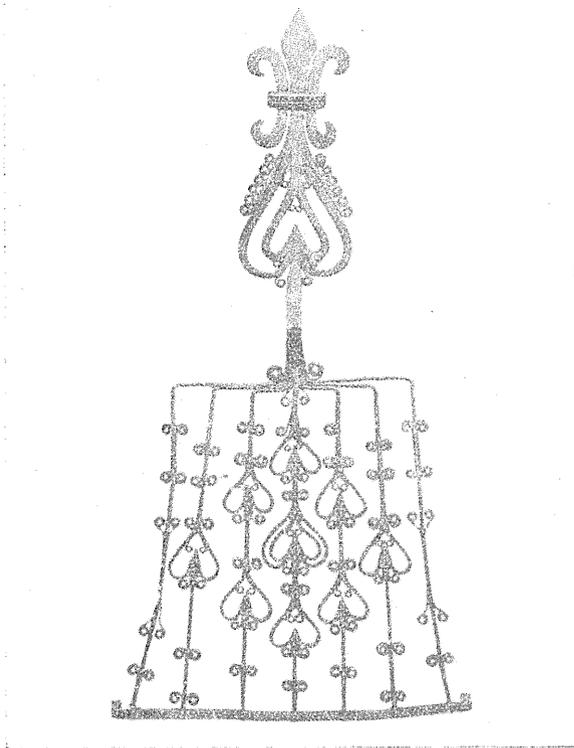


1 — Porta-colheres. Madeira, disco horizontal com orifícios, onde se pousam as colheres; bilros. Bretanha.

Visitei esta exposição em Setembro de 1953, e confesso que fiquei verdadeiramente surpreendido, apesar de já ter visto outras cheias de interesse. Pude pela primeira vez apreciar uma exposição etnográfica onde o critério estético não é sacrificado

(1) Sobre a exposição ver: *Objets domestiques des provinces de France dans la vie familiale, et les arts ménagers* par Georges Henri Rivière et Suzanne Tardieu, Éditions des Musées Nationaux, Paris, 1953. Ver anais *Arts et Traditions Populaires*, N.º 3, Julho-Setembro, 1953, págs. 261-63 e 273.

ao científico, nem vice-versa. Georges Rivière ordenou os objectos em função das estruturas sociais e dos géneros de vida, apresentando assim duas secções, uma das quais tem por fim pôr em relevo as funções sociais e ideológicas e a segunda as funções económicas dos objectos domésticos. Os objectos estavam dis-



2 — Grelha. Ferro forjado, flor de lis, corações. Cedido pelo Museu le Secq des Tournelles. Rouen.

postos formando grandes quadros funcionais, dentro de amplas vitrinas sem prateleiras e iluminados por uma combinação de luz incandescente e fluorescente. Esta luz, incidindo por vezes em certos pontos dos objectos suspensos de fios invisíveis, ou pousados em suportes, produz efeitos curiosos de cor e sombra que muito os valorizam.

Mas, se o efeito estético é notabilíssimo, pode dizer-se que

ainda impressionam mais os resultados científicos que Rivière conseguiu obter desta exposição. Julgo que qualquer etnógrafo que ainda lute entre um conceito amplo e restrito de etnografia; e suponha existirem barreiras muito nítidas entre cultura popular e superior e entre o presente e o passado, sairá desta exposição convencido de que a cultura é afinal uma, orgânica e viva, que como um perpétuo fluir recebemos do passado e vamos transmitindo aos vindouros, acrescentada ou modificada pela nossa própria actividade criadora e modificadora. Nunca vi um conceito da verdadeira etnografia mais claro do que este, formado apenas por meros objectos, que, em vez de alinhados e mortos, como na maioria dos museus, aparecem vivos e a falar por si.

Em algumas destas vitrinas, como, por exemplo, na da iluminação ou na da trituração de alimentos, Rivière soube dar relevo à evolução técnica, colocando os objectos mais antigos e primitivos em série contínua, até aos modernos candeeiros eléctricos ou máquinas eléctricas de cozinha. Mas tudo isto sem descuidar outros aspectos importantes, como por exemplo o económico. Na vitrina da iluminação frisou a utilização dos diferentes combustíveis, estabelecendo uma relação funcional entre certos tipos de iluminação e utilização de matérias-primas locais.

Georges Rivière foi ajudado por todos os colaboradores, mas muito especialmente por M.^{lle} Suzanne Tardieu, chefe do serviço de colecções do Museu, que é especialista do equipamento doméstico em França, e uma pessoa de invulgar valor (1).

JORGE DIAS.

Do Centro de Estudos de Etnologia Peninsular.

Nota — As gravuras foram extraídas da publicação: *Objets domestiques des provinces de France dans la vie familiale et les arts ménagers*, de Georges Henri Rivière et Suzanne Tardieu.

Pré-história do Ultramar

Nas sessões do Congresso Internacional de Ciências Pré-históricas e Proto-históricas, realizado em Abril de 1954 em Madrid, foram feitas por investigadores portugueses comunicações sobre recentes descobertas de pré-história do nosso Ultramar. O Presi-

(1) Deve-se a Suzanne Tardieu a excelente monografia *Meubles Régionaux Datés*. Éditions Vincent, Fréal & C.^a, Paris, 1950.